

RIM

RUDYARD KIPLING

INTRODUÇÃO E NOTAS DE
EDWARD SAID

TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLÊS POR
MANUELA RIBEIRO SANCHES

ILUSTRAÇÕES DE
CHARLES FOQUERAY



Índice

Introdução <i>Edward W. Said</i>	7
Capítulo I	55
Capítulo II	91
Capítulo III	113
Capítulo IV	137
Capítulo V	161
Capítulo VI	185
Capítulo VII	207
Capítulo VIII	227
Capítulo IX	249
Capítulo X	273
Capítulo XI	297
Capítulo XII	325
Capítulo XIII	355
Capítulo XIV	383
Capítulo XV	403



Capítulo I

Vós que o caminho estreito trilhais
Sob a chama de Tofete⁽¹⁾ até ao Juízo Final,
Sede mansos quando «os gentios»
Ao Buda de Kamakura orarem!⁽²⁾

O Buda de Kamakura

Estava montado, desafiando as ordens municipais, no canhão de Zam-Zammah⁽³⁾ sobre a plataforma de tijolo, diante do velho Ajaib-Gher, a Casa das Maravilhas, como os indígenas chamavam ao Museu de Lahore⁽⁴⁾. Quem domina o Zam-Zammah, esse «dragão expelindo fogo», domina o Punjab⁽⁵⁾, pois a enorme

⁽¹⁾ *Tofete* – a extremidade oriental do vale de Hinom, a sul de Jerusalém, onde os detritos da cidade costumavam ser queimados dia e noite. Diz-se que aqui crianças «passavam através do fogo» em sacrifício a Moloch. Kipling usa-o para representar o início da vida.

⁽²⁾ *Kamakura* – lugar de peregrinação no Japão onde existe uma imagem colossal de Buda.

⁽³⁾ *Zam-Zammah* – canhão construído em Lahore, em 1757.

⁽⁴⁾ *Museu de Lahore* – Lahore, agora no Paquistão, era no tempo de Kipling a principal cidade do Punjab. O conservador do Museu entre 1875 e 1894 foi o pai de Kipling, John Lockwood Kipling.

⁽⁵⁾ *Punjab* – a província é limitada pelo rio Jamuna a leste; por Caxemira a norte; pelas montanhas a ocidente do Indo no lado ocidental; e pelo deserto de Rajputana, a sul. O nome significa «cinco rios», o Indo e quatro dos seus afluentes.

peça de um bronze esverdeado⁽⁶⁾ é sempre a primeira no saque do conquistador.

A acção de Kim podia justificar-se de algum modo – empurrara o filho de Lala Dinanath dos munhões –, pois os ingleses dominavam o Punjab, e Kim era inglês. Embora estivesse tão queimado pelo sol como qualquer indígena; embora recorresse de preferência ao idioma local, e o uso da sua língua materna correspondesse a uma cantilena insegura e cadenciada; embora convivesse em termos de perfeita igualdade com os pequenos rapazes do bazar, Kim era branco – um branco pobre, entre os brancos mais pobres. A mulher mestiça que cuidava dele (fumava ópio e fingia gerir uma loja de móveis em segunda mão junto à praça onde estacionam táxis baratos à espera de clientes) dizia aos missionários que era irmã da mãe de Kim, mas a sua mãe fora ama em casa de um coronel e casara com Kimball O’Hara, um jovem sargento porta-estandarte dos Mavericks⁽⁷⁾, um regimento irlandês. Este ocupara depois um posto na linha do caminho-de-ferro Sind-Punjab-Deli⁽⁸⁾, tendo o regimento regressado sem ele. A sua mulher morrera de cólera em Ferozepur⁽⁹⁾ e O’Hara sucumbira à bebida e à vadiagem, sempre acompanhado do filho perspicaz de três anos. Sociedades e capelães preocupados com a criança tinham tentado contê-lo, mas O’Hara levara um sumiço, até que se cruzara com a mulher que fumava ópio e, com ela, aprendera a apreciá-lo, vindo a acabar como acabam os brancos pobres na Índia. Quando morreu, os seus bens resumiam-se a três documentos – a um deles chamava o seu *ne varietur*⁽¹⁰⁾, pois estas palavras estavam escritas debaixo da sua assinatura; ao outro, o seu «certificado de liquidação»⁽¹¹⁾. O terceiro era a certidão de nascimento de Kim. Estas coisas, costumava dizer nas suas gloriosas horas opiáceas, um dia ainda fariam do pequeno Kimball

⁽⁶⁾ peça de um bronze esverdeado – quando os muçulmanos conquistaram Lahore, em 1757, taxaram os habitantes, retirando um vaso de metal de todas as casas. A arma foi construída com o metal assim obtido.

⁽⁷⁾ Mavericks – regimento imaginário.

⁽⁸⁾ linha do caminho-de-ferro Sind-Punjab-Deli – posto igualmente imaginário.

⁽⁹⁾ Ferozepur – cidade importante do Punjab, a oitenta quilómetros a sul de Lahore.

⁽¹⁰⁾ *ne varietur* – «que não seja alterado». O documento era o certificado habitual de membro da maçonaria.

⁽¹¹⁾ certificado de liquidação – recibo de uma loja maçónica antes da transferência de um membro.

um homem. Kim nunca deveria separar-se delas, visto que faziam parte de uma grande obra de magia, magia semelhante à praticada por homens, mais além, por detrás do Museu, no Jadoo-Gher azul e branco, na Casa Mágica, como é designada a Loja Maçónica⁽¹²⁾. Tudo viria um dia a bater certo, dizia, e o corno⁽¹³⁾ de Kim seria celebrado entre os pilares — monstruosos — da beleza e da força⁽¹⁴⁾. Haveria de ser o próprio Coronel montado num cavalo, à frente de um dos regimentos mais prestigiados do mundo, a ocupar-se de Kim — e o pequeno Kim conheceria melhor sorte do que o seu pai. Novecentos demónios de primeiríssima classe, cujo deus era um Touro Vermelho num prado verde, cuidariam de Kim, caso não se tivessem esquecido de O'Hara — o pobre O'Hara que chefaria o grupo na frente de Ferozepur. E, sentado na velha cadeira de juncos na varanda, vertia, então, lágrimas amargas. Foi por isso que, depois da sua morte, a mulher cozeu uma bolsa-amuleto contendo o pergaminho, o papel e a certidão de nascimento, que pendurou ao pescoço de Kim.

— E um dia — disse, recordando confusamente as profecias de O'Hara — virá um grande Touro Vermelho num prado verde e o Coronel montado no seu grande cavalo, sim, e — passando para o inglês — novecentos demónios.

— Ah — disse Kim —, hei-de lembrar-me disso. Há-de vir um Touro Vermelho a cavalo, mas primeiro, disse o meu pai, hão-de vir dois homens preparar o terreno para esses assuntos. Foi assim que o meu pai sempre disse. E é sempre assim, quando os homens fazem magia.

Se a mulher tivesse enviado Kim para o Jadoo-Gher local com esses documentos, a loja provincial ter-se-ia encarregado dele e tê-lo-ia despachado para o Orfanato Maçónico nas Montanhas. Mas desconfiava do que ouvira acerca da magia. Kim também tinha

⁽¹²⁾ *Loja Maçónica* — o próprio Kipling foi admitido nesta Loja em 1885, quando ainda se encontrava abaixo da idade requerida. Charles Carrington descreve, na sua biografia de Kipling, o interesse do autor pela maçonaria como «um sistema que satisfazia tanto o seu desejo de uma religião mundial quanto a sua devoção perante o elo secreto que une... os homens que carregam consigo o peso do trabalho do mundo».

⁽¹³⁾ *o corno de Kim* — o corno era frequentemente um símbolo da personalidade, acompanhado de ilustrações apropriadas.

⁽¹⁴⁾ *pilares* — símbolo maçónico.

opiniões próprias. Atingida a idade da indiscrição, aprendera a evitar missionários e homens brancos de ar sério que lhe perguntavam quem era e o que fazia. Pois Kim nada fazia com grande êxito. É verdade que conhecia a magnífica cidade fortificada de Lahore, desde a Porta de Deli até ao último Fosso da Fortaleza; que era tu cá, tu lá com homens que levavam vidas muito mais estranhas do que Harun al-Rashid(*) alguma vez pudera imaginar; e que a sua vida era tão extravagante como a das *Mil e Uma Noites*, beleza que os missionários e os secretários das sociedades de beneficência não sabiam reconhecer. A sua alcunha nos bairros era «O Pequeno-Amigo-de-toda-a-Gente», e, muitas vezes, ligeiro e discreto, dava conta de recados durante a noite, atravessando terraços apinhados, a pedido de jovens elegantes e lustrosos, escravos do último grito da moda. Claro que se tratava de intriga – sabia-o, do mesmo modo que conhecia todo o mal desde que aprendera a falar –, mas aquilo de que gostava mesmo era do divertimento por puro prazer: de deambular furtivamente por vielas e becos sombrios, trepar por canos de água, das imagens e dos sons do mundo feminino⁽¹⁵⁾ nos terraços planos e da fuga desenfreada de terraço em terraço sob a protecção da escuridão cálida. Depois, havia os homens sagrados, os faquires⁽¹⁶⁾ cobertos de cinza junto aos seus altares de tijolo, debaixo das árvoreas na margem do rio que tão bem conhecia. Saudava-os, quando regressavam das suas mendicâncias, e comia do mesmo prato, quando não havia ninguém por perto. A mulher que tomava conta dele bem insistia por entre lágrimas que usasse trajes europeus – umas calças, uma camisa e um chapéu às três pancadas. Para Kim era mais fácil enfiar umas vestes hindus ou muçulmanas quando estava ocupado com certas tarefas. Um dos homens elegantes – encontrado morto no fundo de um poço durante a noite do terramoto – oferecera-lhe, certa vez, um conjunto de vestuário hindu, a indumentária de um rapaz da rua de casta inferior, e Kim guardara-o num lugar secreto, debaixo de algumas vigas, na serraria de Nila

(*) Harun al-Rashid – califa de Bagdade (763-809) imortalizado em *As Mil e Uma Noites* (N. T.).

(¹⁵) *mundo feminino* – o mundo segregado das mulheres muçulmanas.

(¹⁶) *faquires* – mendicantes religiosos, mais propriamente muçulmanos, sendo aqui o termo usado de forma ampla, para incluir mendicantes hindus que se cobrem de cinzas.

Ram, por detrás do Supremo Tribunal do Punjab, onde repousam troncos fragrantes de deodara⁽¹⁷⁾ depois transportados pelo rio Ravi⁽¹⁸⁾ abaixo. Quando tinha de se dedicar a negócios ou a alegres deambulações, Kim usava os seus pertences, regressando de madrugada à varanda, cansado de gritar atrás de um cortejo de casamento ou num festival hindu. Por vezes, havia comida em casa, a maior parte das vezes não, e então saía para ir comer com os amigos indígenas.



Enquanto tamborilava com os calcanhares contra o Zam-Zammah, Kim desviava de vez em quando a sua atenção do jogo do rei-do-castelo que jogava com o pequeno Chota Lal e com Abdulá, o filho do vendedor de doces, para lançar um comentário insolente ao polícia indígena que guardava as filas de sapatos⁽¹⁹⁾ à porta do Museu. O grande punjábi sorria, tolerante. Há muito que conhecia Kim. O mesmo se passava com o aguadeiro que borrifava a rua com o seu saco de pele de cabra. E o mesmo acontecia com Jawahir Singh, o carpinteiro do Museu, debruçado sobre novos caixotes. O mesmo sucedia com toda a gente à vista, à excepção dos camponeses, que, vindos de fora, se apressavam a entrar na Casa das Maravilhas para ver coisas que os homens faziam na sua própria província e noutros sítios. O Museu era dedicado às artes e aos ofícios indianos, e quem quisesse saber algo acerca deles podia pedir ao Comissário que explicasse.

⁽¹⁷⁾ *deodara* – ou cedro-do-himalaia, grande árvore conífera, considerada sagrada pelos hindus e por eles venerada.

⁽¹⁸⁾ *rio Ravi* – ou Rauí, rio no Punjab, tributário do rio Chenab, rio mítico do Punjab.

⁽¹⁹⁾ *filas de sapatos* – calçado pertencente a indianos que tinham entrado descalços no museu, como sinal de respeito.

— Sai daí! Sai daí! Deixa-me subir! — exclamou o pequeno Abdulá, trepando pela roda do Zam-Zammah.

— O teu pai era pasteleiro, a tua mãe roubou *ghi*⁽²⁰⁾ — cantarolou Kim. — Há muito que todos os muçulmanos caíram do Zam-Zammah!

— Deixa-me subir! — berrou o pequeno Chota com o seu barrete bordado a ouro.

A fortuna do seu pai valia, porventura, um milhão de libras esterlinas, mas a Índia é o único país democrático do mundo.

— Os hindus também caíram do Zam-Zammah. Os muçulmanos empurraram-nos. O teu pai era pasteleiro.

Parou, pois viu surgir na esquina, vindo do estridente Bazar de Moti⁽²¹⁾, um homem com um tipo que Kim, que julgava conhecer todas as castas⁽²²⁾, nunca vira. Tinha cerca de um metro e oitenta de altura, vestia uma túnica suja com múltiplas pregas, que se assemelhava a um cobrejão mais adequado a um cavalo, não havendo dobra que Kim conseguisse associar a qualquer ofício ou profissão. Trazia pendurado no cinto um estojo de ferro forjado e um rosário de madeira como usam os homens religiosos. Na cabeça tinha uma espécie de boina. O rosto, amarelo e enrugado, lembrava o de Fook Shing, o sapateiro chinês do bazar. Os olhos, semelhantes a duas fendas de ónix, reviravam-se nos cantos.

— Quem é aquele? — perguntou Kim aos seus camaradas.

— Talvez um homem — disse Abdulá, olhando, estarrecido, com o dedo na boca.

— Isso, sem dúvida — replicou Kim —, mas não é um homem da Índia que eu alguma vez tenha visto.

— Se calhar é um sacerdote — disse Chota Lal, ao avistar o rosário. — Olhem! Vai para a Casa das Maravilhas!

⁽²⁰⁾ *ghi* — manteiga clarificada.

⁽²¹⁾ *Bazar de Moti* — *moti* significa pérola. Assim, o Bazar era uma zona de joalharia.

⁽²²⁾ *castas* — o termo aplica-se apenas aos hindus. Segundo a tradição, um hindu tem de manter as ocupações dos seus antepassados, não pode casar fora da sua casta, excepto em condições restritas e com penalizações, e a sua comida tem de ser preparada por alguém da sua casta.

— Não, não — disse o polícia, abanando a cabeça. — Não percebo o que estás a dizer. — O agente falava punjábi⁽²³⁾. — O que é que ele está a dizer, ó Amigo-de-Toda-a-Gente?

— Diz para ele vir até aqui — disse Kim, descendo do Zam-Zammah, a exibir os pés descalços. — Ele é um forasteiro, e tu és um búfalo.

O homem virou-se, desorientado, e dirigiu-se aos rapazes. Era velho e o seu gabão de lã ainda tresandava à nauseabunda artemísia⁽²⁴⁾ dos desfiladeiros de montanha.

— Meninos, o que é aquela casa grande? — disse num urdu⁽²⁵⁾ bastante correcto.

— É o Ajaib-Gher, a Casa das Maravilhas! — Kim não acrescentou qualquer título, como *Lala* ou *Mian*⁽²⁶⁾. — Não conseguia adivinhar qual a religião do homem.

— Ah! A Casa das Maravilhas! Pode-se entrar?

— Está escrito em cima da porta. Todos podem entrar.

— Sem pagar?

— Eu cá entro e saio. E não sou nenhum banqueiro — disse Kim, rindo.

— Infelizmente sou velho. Não sabia. — Depois, manuseando o seu rosário, virou-se parcialmente para o Museu.

— A que casta pertences? Onde fica a tua casa? Vens de longe? — perguntou Kim.

— Vim por Kulu⁽²⁷⁾, além dos Kailas⁽²⁸⁾, mas que sabes tu? Das Montanhas onde — suspirou — o ar e a água são puros e frescos.

— Ah! Um *kitai* [um chinês] — disse Abdulá, orgulhoso. Fook Shing enxotara-o uma vez da sua loja por ter cuspido em cima da

⁽²³⁾ *punjábi* — língua indo-ariana oriunda do Punjab, falada sobretudo nas respetivas regiões da Índia e do Paquistão, bem como na diáspora.

⁽²⁴⁾ *artemísia* — planta amarga vulgarmente conhecida pelo nome de erva-de-são-joão.

⁽²⁵⁾ *urdu* — variante do hindustani, popularizada como língua de comunicação entre os conquistadores muçulmanos da Índia e os hindus. Mais tarde, seria também adoptada pelos britânicos para uso militar.

⁽²⁶⁾ *Lala* ou *Mian* — títulos utilizados para alguém se dirigir a pessoas de estatuto elevado, se se for hindu ou muçulmano, respectivamente.

⁽²⁷⁾ *Kulu* — região dos Himalaias no caminho que vai de Caxemira a Simla.

⁽²⁸⁾ *Kailas* — picos dos Himalaias.



coisa. Mas há hindus no Tibete?

— Somos os seguidores do Caminho do Meio⁽³¹⁾, vivendo pacificamente nas nossas lamaserias⁽³²⁾, e vou visitar os Quatro Lugares Sagrados⁽³³⁾ antes de morrer. Vocês, que são crianças, sabem tanto como eu que sou velho. — E sorriu benevolentemente para os rapazes.

— Já comeste?

Tacteou o peito, donde extraiu uma tigela de esmolas usada. Os rapazes acenaram. Todos os sacerdotes que conheciam pediam esmola.

— Ainda não quero comer. — Virou a cabeça, qual tartaruga velha ao sol. — É verdade que há muitas imagens na Casa das Maravilhas?

— repetiu as últimas palavras como se se quisesse certificar de um endereço.

estatueta de um ídolo chinês que se entronava sobre as botas.

— Um *pahari* [um montanhês] — disse o pequeno Chota Lal.

— Ai, pequeno, um montanhês das montanhas é coisa que nunca verás. Já ouviste falar do Bhotiyal [Tibete]? Não sou um *kitai*, mas um *bothiya* [tibetano]. Para que fiques a saber, um lama⁽²⁹⁾, ou seja, um guru na tua língua.⁽³⁰⁾

— Um guru do Tibete — disse Kim. — Nunca vi tal

⁽²⁹⁾ *lama* — palavra tibetana para um religioso, monge, superior.

⁽³⁰⁾ *guru* — um líder, professor ou homem santo, sobretudo entre os *sikhs*.

⁽³¹⁾ *Caminho do Meio* — o meio ideal do budismo, entre a sensualidade e a ascese.

⁽³²⁾ *lamaserias* — mosteiros budistas no Tibete.

⁽³³⁾ *Quatro Lugares Sagrados* — os lugares sagrados onde, respectivamente, nasceu a fé budista; onde Buda proferiu o seu primeiro sermão; onde morreu; e onde estão guardadas as suas relíquias.

— Sim, é verdade — disse Abdulá. — Está cheia de *bhūtas*⁽³⁴⁾ pagãos. Também és um idólatra.

— Não lhe ligues — disse Kim. — Esta é a casa do governo e não tem nenhuma idolatria, mas só um *Sahib*^(*) de barbas brancas. Anda, vem daí comigo que eu mostro-te.

— Os padres estranhos comem rapazinhos — sussurrou Chota Lal.

— É um estranho e um *būt-parast* [idólatra] — disse Abdulá, o maometano.

Kim riu-se. — É novo aqui. Vá, vai agarrar-te às saias da tua mãe para te protegeres. Anda!

Kim pressionou o torniquete da entrada que servia para registar os visitantes. O velho seguiu-o e parou, estupefacto. No átrio, viam-se as maiores figuras de esculturas greco-budistas⁽³⁵⁾ jamais feitas — há quanto tempo só os eruditos sabem —, obras de artesãos esquecidos, em cujas mãos ainda ecoava, de um modo não menos hábil, o toque grego misteriosamente transmitido. Havia centenas de peças, frisos de figuras em relevo, fragmentos de estátuas e lajes repletas de imagens que tinham ornado os muros de tijolo dos *stupas*⁽³⁶⁾ e *viharas*⁽³⁷⁾ budistas no Norte do país, agora arrancadas e classificadas, o orgulho do Museu. O lama virou-se para aqui e para acolá, num pasmo boquiaberto, para parar finalmente, numa atenção extasiada, perante um grande alto-relevo, representando a coroação ou a apoteose do Senhor Buda. O Mestre estava representado na posição de sentado sobre um lótus⁽³⁸⁾, com pétalas tão profundamente talhadas que quase pareciam querer soltar-se. À sua volta havia uma hierarquia de reis, de anciões e de Budas antigos⁽³⁹⁾ em adoração. Em baixo, avistavam-se águas cobertas

⁽³⁴⁾ *bhūtas* — imagens budistas ou espíritos pagãos. Como muçulmano, Abdulá aprendeu a crer num só Deus e a abominar qualquer culto das imagens como idolatria.

^(*) *Sahib* — designação oriunda do árabe que significa «companheiro», mais tarde adoptada em inúmeras línguas, entre elas o punjábi, o urdu, o hindi, para evidenciar respeito por um superior (N. T.).

⁽³⁵⁾ *greco-budistas* — a influência grega chegou à Índia com a invasão de Alexandre Magno, em 326 a.C.

⁽³⁶⁾ *stupas* — monumentos em forma de cúpula ou de sino, erigidos sobre as relíquias de Buda ou em lugares que lhe são consagrados.

⁽³⁷⁾ *viharas* — mosteiros budistas ou celas monacais.

⁽³⁸⁾ *lótus* — planta de água sagrada, com grandes folhas redondas e flores cor-de-rosa.

⁽³⁹⁾ *Budas antigos* — Gautama Buda, fundador da fé budista, disse que existiam outros quatro Budas ou lugares sagrados que lhes eram dedicados.

de lótus com peixes e pássaros aquáticos. Dois devas⁽⁴⁰⁾ erguiam uma grinalda sobre a sua cabeça. Sobre eles, outro par segurava uma sombrinha⁽⁴¹⁾ onde se podia ver a mitra incrustada de pedras preciosas de um Bodisatva⁽⁴²⁾.

— O Senhor! O Senhor! É o próprio Sakya Muni!⁽⁴³⁾ — quase soluçou o lama. E, num sussurro, iniciou a maravilhosa invocação budista:

*Até Ele, o Caminho, a Lei,
Que Maya⁽⁴⁴⁾ junto ao coração guardava
O Senhor de Ananda⁽⁴⁵⁾, o Bodisatva*

— E Ele está aqui! Também a Lei mais Perfeita aqui está! A minha peregrinação começou bem. E que obra! Que obra!

— Está ali o *Sahib* — disse Kim, esquivando-se através da ala, por entre caixas de objectos artísticos e outros feitos à mão. Um inglês de barbas brancas⁽⁴⁶⁾ observava o lama, que se virou com ar solene e o saudou, tendo, depois de tactear por uns momentos, sacado de um caderno de notas e de um pedaço de papel.

— Sim, é esse o meu nome — disse, sorrindo perante a escrita desajeitada, infantil.

— Foi um de nós que fez a peregrinação aos Lugares Sagrados — é agora abade no Mosteiro de Lung-Cho — quem mo deu — balbuciou o lama. — Falou-me destes. — A mão esguia moveu-se, trémula, de um lado para o outro.

— Então, sé bem-vindo, lama do Tibete. Aqui estão as imagens, e aqui estou eu — olhou de relance para o rosto do lama — para coligir o saber. Vem até ao meu escritório. — O velho tremia de entusiasmo.

⁽⁴⁰⁾ *devas* — imagem de um deus ou anjos, nome com um radical que significa «brilhar».

⁽⁴¹⁾ *sombrinha* — emblema da realeza no Oriente e do sagrado em alguns países budistas.

⁽⁴²⁾ *Bodisatva* — título de Buda ou de uma das suas incarnações.

⁽⁴³⁾ *Sakya Muni* — o «solitário» Sakya, Gautama Buda.

⁽⁴⁴⁾ *Maya* — a mãe de Gautama Buda. (A não confundir com *maya*, ilusão).

⁽⁴⁵⁾ *Ananda* — primo de Buda e seu discípulo devoto.

⁽⁴⁶⁾ *um inglês de barbas brancas* — retrato do pai de Kipling.



O escritório reduzia-se a um pequeno cubículo de madeira, isolado da galeria onde se alinhavam as estátuas. Kim deitou-se ao comprido, o ouvido contra uma fenda provocada pelo calor na porta de cedro e, seguindo o seu instinto, preparou-se para ouvir e observar.

A maior parte da conversa ultrapassava a sua compreensão. O lama, de início hesitante, falou ao conservador da sua lamaseria, Such-zen, que ficava em frente aos Rochedos Pintados, a quatro meses de marcha. O conservador foi buscar um enorme livro com fotografias, dando-lhe a ver precisamente esse lugar, situado no cimo do rochedo sob o qual se abria um vale imenso repleto de socalcos polícromos.

— Ai! Ai! — O lama pôs uns óculos com aros de tartaruga de confecção chinesa. — Esta é a porta através da qual trazemos a lenha antes do Inverno. E tu, inglês, sabes estas coisas? Aquele que agora é o Abade de Lung-Cho disse-mo, mas não acreditei. O Senhor, o Excelente, também será aqui adorado? E a Sua Vida conhecida?

— Está tudo inscrito nas pedras. Anda, vem ver, se não estiveres cansado.

O lama avançou em direcção ao átrio principal para percorrer a coleção, o conservador a seu lado, com a reverência de um devoto e o instinto apreciador de um artesão.

Identificou cada acontecimento da maravilhosa história na pedra gasta, perplexo, aqui e ali, com uma convenção grega que não lhe era familiar, mas encantado, qual criança perante um novo tesouro. Quando faltava uma sequência, como no caso da Anunciação⁽⁴⁷⁾, o Conservador apressava-se a incluí-la a partir da pilha de livros franceses e alemães, contendo fotografias e reproduções.

Ali podia ver-se o devoto Asita⁽⁴⁸⁾, o equivalente a Simão⁽⁴⁹⁾ na história do cristianismo, com o Menino Jesus ao colo, enquanto sua mãe e seu pai o escutavam. Mais à frente avistavam-se os episódios da lenda do seu primo Devadatta⁽⁵⁰⁾. Aqui estava a mulher malvada, que acusara o Mestre de impureza, totalmente confusa. Ali, o

⁽⁴⁷⁾ *Anunciação* – esta manifestou-se sob a forma de um sonho de Maya com uma estrela de seis raios e um elefante de seis trombas.

⁽⁴⁸⁾ *Asita* – sábio que profetizou o grande futuro da criança Sidarta.

⁽⁴⁹⁾ *Simão* – homem devoto que segurou o Menino Jesus no Templo de Jerusalém.

⁽⁵⁰⁾ *Devadatta* – primo e fiel seguidor de Buda. Foi um antigo rei de Benares (Varanasi).

ensinamento no parque dos Gamos; o milagre que surpreendera os adoradores do fogo⁽⁵¹⁾; mais adiante, o Bodisatva num edifício real enquanto príncipe; o nascimento milagroso⁽⁵²⁾; a morte em Kusinagara⁽⁵³⁾, durante a qual o seu frágil discípulo desmaiara. Ao mesmo tempo, havia inúmeras repetições da meditação sob a árvore de Bodhi⁽⁵⁴⁾, estando a adoração da tigela de esmolas por toda a parte. Em poucos minutos, o conservador percebeu que o visitante não era um simples mendigo que desfiava rosários, mas um erudito de múltiplos talentos. E repetiram o percurso, o lama inalando rapé, limpando os óculos, enquanto falava a uma velocidade vertiginosa num misto desconcertante de hindi e de tibetano. Ouvira falar das viagens dos peregrinos chineses, de Fu-Hien e de Hwan-Tsang⁽⁵⁵⁾, ansiava por saber se havia alguma tradução dos seus relatos. Respirou fundo quando folheou, impotente, as páginas das traduções de Beal⁽⁵⁶⁾ e de Stanislas Julien⁽⁵⁷⁾. — Está tudo aqui. Um tesouro fechado à chave. — Depois recompôs-se, reverente, para escutar alguns fragmentos traduzidos de improviso para urdu. Ouviu falar pela primeira vez dos trabalhos de estudiosos europeus, que, com a ajuda daqueles e de outras centenas de documentos, haviam identificado os Lugares Sagrados do Budismo. Depois foi-lhe mostrado um mapa com círculos e traços a amarelo. O dedo trigueiro seguiu o lápis do conservador, percorrendo os pontos. Aqui estava Capilavastu⁽⁵⁸⁾, ali o Reino

⁽⁵¹⁾ *adoradores de fogo* – persas que fugiram da invasão muçulmana.

⁽⁵²⁾ *nascimento milagroso* – Sidarta nasceu debaixo de uma árvore que se inclinava para o chão, a fim de fazer um arco ou um abrigo.

⁽⁵³⁾ *Kusinagara* – lugar onde Buda morreu.

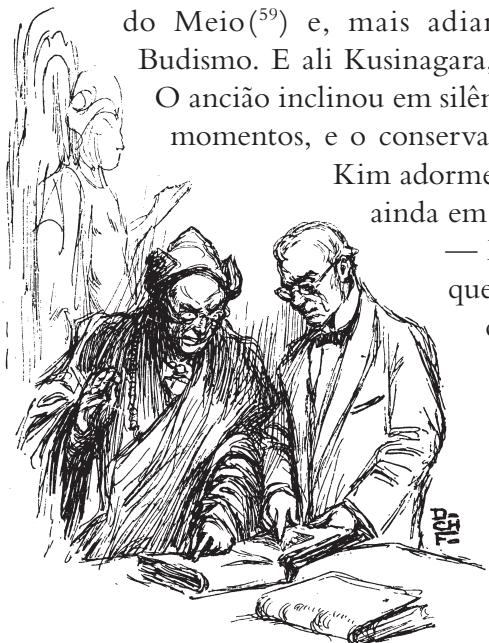
⁽⁵⁴⁾ *árvore de Bodhi* – árvore da sabedoria nas florestas de Gaza, sob a qual Buda meditou e recebeu a primeira iluminação. Árvore excepcionalmente alta para uma figueira (*ficus religiosa*).

⁽⁵⁵⁾ *Fu-Hien e Hwan-Tsang* – eruditos chineses que visitaram a Índia, nos séculos V e VII, respectivamente, e que levaram consigo cópias das escrituras budistas para a China.

⁽⁵⁶⁾ *Beal* – Samuel Beal (1825–1889), autor e tradutor de livros sobre a China, o Tibete e o budismo.

⁽⁵⁷⁾ *Stanislas Julien* (1797–1873) – sinólogo francês que traduziu a história da vida de Hwan-Tsang.

⁽⁵⁸⁾ *Capilavastu* – local do nascimento de Buda, que foi a capital de um pequeno estado, Sakya, situado junto à actual fronteira entre a Índia e o Nepal.



do Meio⁽⁵⁹⁾ e, mais adiante, Mahabodhi⁽⁶⁰⁾, a Meca do Budismo. E ali Kusinagara, o triste lugar da morte do Santo.

O ancião inclinou em silêncio a cabeça sobre as folhas por uns momentos, e o conservador acendeu de novo o cachimbo.

Kim adormecera. Quando acordou, a conversa, ainda em pleno curso, já era mais inteligível.

— E foi assim, ó Fonte de Sabedoria, que decidi ir até aos Lugares Sagrados que Ele pisou, ao seu Lugar de Nascimento, mesmo a Kapila, depois a Mahabodhi, que é Bodh Gaya, ao Mosteiro, ao Parque dos Gamos, ao lugar da Sua morte.

O lama baixou a voz. — E ve-
nho aqui sozinho. Durante cinco,
sete, dezoito, quarenta anos não
me saiu do pensamento que a Lei
Antiga^(*) não era adequadamente

seguida, manchada que estava, como sabes, por poderes demoníacos, por feitiços e idolatria. Exactamente como a criança disse lá fora, agora mesmo. Sim, como a criança disse, com *būt-parast*.

— Assim acontece a todas as fés.

— Crê-lo? Li os livros da minha lamaseria, e eram estéreis; e o ritual posterior de que nós, os da Lei Reformada^(**), nos ocupamos — também esse não teve qualquer valor para estes olhos cansados. Mesmo os seguidores do Magnífico digladiam-se entre si. Tudo é ilusão. Sim, *maya*⁽⁶¹⁾, ilusão. Mas tenho mais um desejo. — O rosto

⁽⁵⁹⁾ Reino do Meio — conceito oriundo da China e utilizado por Fu-Hien para se referir à planície entre o Ganges e o Chambal.

⁽⁶⁰⁾ Mahabodhi ou Buddha Gaya — lugar de peregrinação que surgiu em torno do célebre local da árvore de Bodhi, onde nasceu a fé budista.

^(*) Lei Antiga — o Budismo na sua forma originária, mais ortodoxa, tal como praticado no Sri Lanka (N. T.).

^(**) Lei Reformada — o lama refere-se ao facto de, fora da Índia e do Ceilão, o budismo ser menos rigoroso, tendo-se adaptado às culturas locais, como sucedeu no Tibete, na China e no Japão (N. T.).

⁽⁶¹⁾ maya — ilusão, os enganos do mundo visível.

amarelo encarquilhado aproximou-se cerca de oito centímetros do Conservador, e a unha comprida do indicador bateu na mesa. — Vocês, estudiosos, seguiram, graças a estes livros, os Passos Abençoados em todas as suas deambulações. Mas há coisas que não procuraram. Não sei nada — nada sei —, mas vou libertar-me da Roda das Coisas⁽⁶²⁾ através de um caminho largo e amplo — sorriu, triunfante, com grande simplicidade. — Enquanto peregrino até aos Lugares Sagrados adquiro mérito. Mas há mais. Atenta a uma coisa verdadeira. Quando o nosso Senhor Benemérito, sendo ainda jovem, procurou uma companheira, os homens da corte de Seu pai disseram que ainda estava demasiado verde para o matrimónio. Sabias?

O Conservador assentiu, interrogando-se acerca do que se seguiria.

— E assim fizeram a prova tripla da força contra todos os que chegaram. E para a prova do Arco, tendo o nosso Senhor partido aquele que lhe fora entregue, pediu um arco que ninguém pudesse dobrar. Sabias?

— Está escrito. Li-o.

— E, ultrapassando todas as restantes marcas, a seta voou muito além do visível. Finalmente caiu. E, no lugar onde tocou o solo, jorrou uma corrente que, agora, se transformou num Rio, cuja natureza, graças à beneficência do nosso Senhor e a esse mérito que adquiriu antes de se libertar, é a de que quem quer que nele se banhe ficará limpo de qualquer mácula ou vestígio de pecado.

— Assim está escrito — disse o conservador, tristemente.

O lama respirou fundo. — Onde fica esse Rio? E A Fonte da Sabedoria onde a flecha caiu?

— Infelizmente não sei, irmão — respondeu o conservador.

— Não, só se te comprazeres em esquecê-lo — a única coisa que não me disseste. Certamente que sabes. Repara, sou um homem velho! Imploro-te, a minha cabeça sobre os teus pés, ó Fonte da Sabedoria! Sabemos que a flecha caiu!⁽⁶³⁾ Sabemos que a corrente jorrou.

⁽⁶²⁾ *Roda das Coisas* — Buda usava constantemente analogias familiares para ilustrar os seus ensinamentos, existindo diversos relatos de ter dado origem ao uso da roda como símbolo dos ciclos recorrentes do nascimento, da morte e do renascimento.

⁽⁶³⁾ *Sabemos que a flecha caiu* — a fim de conquistar a rapariga com quem viria a casar, Sidarta teve de competir com outros jovens, mas o voo da sua seta não ficou registado.